

A jornada do herói em *Gilgamesh*

letrônica

Rafael Peruzzo Jardim¹

“A consciência é uma pequena habitação.
O ser humano abarca insuspeitadas
cavernas de Aladim.” (Campbell)

Todos nós temos heróis. Alguns são conhecidos (pais, amigos), outros são representados para nós (santos, guerreiros, mártires, vencedores). Nesse contexto, a literatura é um território fértil para a representação de modelos de heróis. A literatura infanto-juvenil, em particular, apresenta modelos compatíveis com os valores da época. Causa surpresa que o modelo de herói conserve-se praticamente inalterado em todas as culturas e épocas.

O herói mais antigo que encontramos está na epopéia de Gilgamesh. Ele já incorpora todas as virtudes atribuídas ao herói. Dessa constatação surge a questão desse trabalho:

Qual é a contribuição de Gilgamesh para a construção do herói na história literária?

Para responder a essa pergunta, apresentamos a importância de ler os clássicos. Estudamos a contribuição de Campbell sobre o herói, entre outros autores. Após resumir a narrativa adaptada por Ludmila Zeman, realizaremos a análise da obra, destacando como Gilgamesh se torna herói, como ele vence os perigos exteriores, como ele enfrenta os medos interiores. Trata-se de uma jornada completa, que trata da amizade, das proações físicas e da busca da imortalidade.

Acredito que o primeiro contato da criança com uma história pode ser através de uma adaptação bem-feita. Se a história realmente for boa, ela pode despertar em alguns o desejo de ler a obra original. As adaptações de obras literárias são um fato, inclusive em outras mídias, e

¹ Mestrando em Teoria da Literatura pela Pucrs.

servem para popularizar histórias que de outra maneira ficariam restritas a especialistas e esquecidas pelo grande público de leitores.

1 Por que ler os clássicos

Ao colher depoimentos de adultos sobre leituras marcantes feitas na infância, Ana Maria Machado destaca que “esses livros foram lidos cedo, na infância ou adolescência, e passaram a fazer parte indissociável da bagagem cultural e afetiva que o leitor incorporou pela vida afora, ajudando-o a ser quem foi.”

Como a infância é uma fase lúdica da vida, as narrativas são mais adequadas, pois o que interessa é uma história bem contada. Filosofias e tragédias teatrais, por exemplo, ainda não estão ao alcance da compreensão imatura da criança. Em função disso, o texto original não seria a melhor porta de entrada: a adaptação é o primeiro encontro com a história, encontro esse que pode ser ampliado no futuro.

Machado encontra pelo menos três razões para ler os clássicos: a literatura é o direito a uma herança cultural; é uma forma de resistência (e de poder), em oposição ao consumismo incessante para distrair a população; é um prazer estético, pela oportunidade de conhecer outros mundos.

A leitura literária de clássicos como a Bíblia seria uma “passagem de bastão”, uma transmissão de conhecimento que enriquece a cultura geral da pessoa. Ocorre que referências a passagens bíblicas já não são percebidas pelos leitores jovens. Eles não entendem quando se fala em “vacas magras”, “prato de lentilhas”, “lavar as mãos”, “separar o joio do trigo”, entre outras, ou entendem diferentemente, sem vinculá-las à Bíblia. O mesmo ocorre com a cultura grega. Percebemos que a perda de um referencial comum afeta o indivíduo, a cultura geral e a coesão social.

Um comentário do escritor C.S. Lewis pode resumir a minha opinião sobre a literatura infanto-juvenil e sobre as adaptações de clássicos: “não vale a pena ler aos dez anos um livro que não tenha o que dizer para quem o reler aos 50, em condições de fazer novas descobertas na releitura.”

De todo modo, a boa literatura infanto-juvenil deve tratar das ansiedades de crescer e de buscar o lugar no mundo, explorando-o e enfrentando obstáculos. Essa ansiedade de crescer da criança deve ser levada em conta numa adaptação.

A leitura dos clássicos permite à criança aprender a lidar com seus medos, fazendo parte da sua bagagem cultural de adulta. A leitura de adaptações bem-feitas é a melhor maneira de dar a conhecer uma narrativa clássica, que pode modificar a visão de mundo do leitor e convidá-lo a buscar o texto original no futuro para novas descobertas.

2 Os caminhos do herói

Ao falar sobre *Pinóquio*, a autora traz uma contribuição fundamental para esse trabalho: “Essa passagem do egoísmo infantil de se achar o centro do mundo para o altruísmo necessário a um comportamento ético adulto é que marca a grandeza do crescimento e da busca da natureza humana de Pinóquio.”

Esse assunto foi discutido na disciplina de Literatura Infanto-Juvenil, e o amadurecimento foi considerado como a sucessão de estágios pelos quais cada pessoa deve passar. Por ser exemplar, Pinóquio é um herói. Essa mesma travessia será desenvolvida por Gilgamesh.

Joseph Campbell, ao analisar a falha de outro rei, o de Creta, auxilia na compreensão da falha de Gilgamesh: ele não se submeteu às funções do cargo. Ele afastou-se da coletividade, apesar de sua investidura como rei exigir que esse deixasse de ser pessoa privada. Sem a noção de coletividade, rompe-se o equilíbrio e os indivíduos são governáveis apenas pela força. Campbell chama essa fase de *impulso de auto-engrandecimento egocêntrico*. Com efeito, esse é o primeiro estágio de Gilgamesh, dele derivando a necessidade de um oponente – que será Enkidu.

Campbell define o tirano por seu ego inflado, sua necessidade de acumulação pessoal, o desastre que ele causa no mundo e a necessidade de um herói redentor: “Ele é o acumulador do benefício geral. É o monstro ávido pelos vorazes direitos do ‘meu e para mim’. A ruína que atrai para si (...) pode atingir toda a sua civilização. O ego inflado do tirano é uma maldição para ele mesmo e para seu mundo. (...) o *gigante da independência autoconquistada* é o mensageiro do desastre do mundo”, causando nos corações humanos “um grito em favor do herói redentor.”

Esse *gigante da independência autoconquistada* é o próprio Gilgamesh, que se apropria dos bens coletivos e escraviza seu povo, fazendo da construção de “sua” muralha um feito pessoal, e não uma defesa para a cidade. O herói redentor viria para restabelecer o equilíbrio. A originalidade desta narrativa é que o tirano se converte em herói quando descobre a amizade.

Qual seria o lugar do herói? O herói é o homem da submissão autoconquistada. Tal submissão se refere à palingenesia (recorrência de nascimentos) destinada a anular as recorrências da morte. Apenas o nascimento pode conquistar a morte. Apenas quando a virtude subjuga o ego voltado para si mesmo, a força transcendente de nossa profunda obediência é então percebida.

Ao afastar os homens das mulheres, o rei impedia a continuidade da vida e a sua necessária renovação. Além disso, ele afastou os filhos dos pais em nome de sua ambição pessoal “do meu e para mim”, distanciando-se de sua real função e tornando-se um agente de destruição de seu próprio povo. Tal ação instala a tirania e instaura a insatisfação no povo. Ainda não temos um herói.

Para Campbell, a primeira tarefa do herói é retirar-se do mundano e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, combatendo os demônios infantis de sua cultura local. Esse é o processo de discriminação entre o verdadeiro e o falso.

A segunda tarefa do herói é retornar transfigurado e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu. Ele se torna homem eterno (universal), e não um homem moderno.

Ao comentar o desmembramento espiritual no romance moderno e na tragédia grega, Campbell conclui que o final feliz é uma falsa representação, pois o mundo produz apenas um final: morte, desintegração. Tal afirmação é particularmente verdadeira na trajetória de Gilgamesh, pois ele confronta esse final. Quando o final feliz ocorre (no conto de fadas, no mito) o que está em jogo é a transcendência da tragédia universal do homem: embora o mundo objetivo permaneça o mesmo, processa-se uma transformação no interior do sujeito.

O percurso padrão da aventura mitológica do herói se materializa na fórmula separação – iniciação – retorno: o herói afasta-se do cotidiano, obtém uma vitória e retorna para auxiliar seus semelhantes. Nos três volumes da adaptação estudada, o rito se manifesta assim:

- no primeiro livro, Gilgamesh torna-se herói após descobrir a amizade. Ele não realiza o rito.
- no segundo livro, realiza-se o primeiro rito do herói, com a realização de aventuras de natureza física, com vitórias decisivas contra o monstro Humbaba e O Touro do Céu.
- no terceiro livro, realiza-se o segundo rito do herói, agora solitário, com a jornada interior do herói e seu retorno simbólico através das obras feitas, adquirindo a condição de homem eterno – mito.

Nas próximas páginas, faremos o resumo da obra em três volumes e analisaremos a jornada do herói.

Tomada como uma unidade, a narrativa apresenta a jornada do herói de modo semelhante a Pinóquio: do ego inflado à auto-submissão conquistada.

3 Histórico da obra

O Rei Gilgamesh.

Este volume narra a história do tirano que descobre a amizade. Ele modifica sua visão de mundo ao encontrar Enkidu.

Gilgamesh é o rei enviado pelo deus Sol: parte deus parte homem. Tinha poder e riqueza, mas era cruel pelo fato de não ter amigos. Ele decidiu construir uma grande muralha em sua homenagem, e tiranizava o povo para executá-la. As pessoas imploravam misericórdia, mas ele não as atendeu, por isso o povo orou ao deus Sol.

O deus Sol enviou Enkidu, tão forte quanto Gilgamesh. Ele morava na floresta e cuidava dos animais, mas desconhecia a bondade humana. Enkidu derruba um caçador para proteger os animais. O caçador foge e exalta a força de Enkidu, a quem denomina "o homem mais forte do mundo". Tomado pela vaidade, Gilgamesh decide destruir Enkidu, enviando a cantora Shamhat.

Shamhat e Enkidu se apaixonam. Enkidu decide ir a Uruk e abandona a floresta.

Gilgamesh queria destruir Enkidu para que ninguém ousasse desafiá-lo. Desafia o selvagem. Eles lutam por horas, mas tinham forças iguais. O rei tropeça numa pedra e cai da muralha, sendo salvo por Enkidu. Gilgamesh torna-se "humano" e encontra um amigo. Ele e Enkidu se abraçam.

Os oponentes tornam-se irmãos, organizam um banquete para todos. O trabalho na muralha é interrompido para sempre e a paz volta a Uruk.

Constatamos que o herói substitui o conceito de posse do povo pelo de pertencimento. Passa a governar para as pessoas, e não contra elas. Ele também mostra a um só tempo como um governante *deve e não deve* proceder. Ao contrário de Maquiavel, ele prefere ser amado, e não temido.

A vingança de Ishtar.

O herói passa por provações físicas em defesa do povo. Recusa a tentação de Ishtar.

A paz de Uruk é interrompida pelo monstro Humbaba, que causa destruição e mata Shamhat. Gilgamesh decide destruir o monstro e não tem medo. Apesar de sentir medo, Enkidu o acompanha para vingar a amada.

Gilgamesh mata Humbaba, auxiliado por Enkidu, com a intervenção de Ishtar. Ela quer casar-se com o rei e oferece poder sobre todos os reis da terra. Gilgamesh recusa em nome da cidade, do povo e do amigo. (Posteriormente, esses serão os alvos de Ishtar). Eles voltam a Uruk e são recebidos como heróis.

Para se vingar, Ishtar envia o Touro do Céu com a missão de destruir Uruk. O Touro destrói a cidade e as pessoas que tentam contê-lo. Enkidu consegue segurar o touro, e Gilgamesh o mata, contrariando a deusa pela segunda vez. Os habitantes de Uruk festejam seus heróis.

Ishtar envia uma doença que mata Enkidu, assim se vingando parcialmente de Gilgamesh. O rei enterra o amigo. Shamhat volta em forma de pássaro para levar o espírito de Enkidu. Este protesta, ao que ela responde que em Uruk ele encontrou a amizade e o amor do povo.

Gilgamesh conclui que a morte é o pior monstro do mundo e decide destruí-la. A vitória sobre os monstros simboliza o domínio das paixões humanas. O homem sábio deve lutar contra as paixões por toda a vida.

Entendemos que ele recusa a riqueza e o poder em nome daquilo que conquistou sozinho. Com isso, submete-se ao estatuto de um verdadeiro governante, um estadista. Ele não busca poder para si, mas felicidade para seu povo, e nada do que Ishtar oferece é o que ele realmente deseja. Será que o tirano do primeiro volume aceitaria a oferta de mais poder?

A negativa a Ishtar simboliza a capacidade de dizer não aos deuses, além da renúncia às tentações – tão freqüente nos relatos bíblicos. Sua recusa é um ato de soberba para os deuses, e de submissão em relação à cidade que amava. A afirmação de um *eu* individual é a consagração de um *nós* coletivo.

A última busca de Gilgamesh

O herói passa por um processo de espiritualização e parte em busca da imortalidade. Recusa as tentações do paraíso e da casa de Siduri.

Gilgamesh está quase morto. Shamhat ajuda-o, guiando-o até o deus Sol. Ele sobe a montanha, e enfrenta feras pelo caminho. Salva um filhote de leão, que será seu companheiro. Ele atravessa um abismo profundo e passa por um túnel gelado com criaturas aterrorizantes. Encontra o jardim do deus Sol, o paraíso. O Sol convida-o a descansar, mas ele recusa a oferta. Então o sol o guia até Utnapitshim. Ele atravessa o deserto. Chega até a casa de Siduri, que o convida a ficar: “bebe, dança e sê feliz”. Novamente, ele recusa. Ele atravessa as Águas da Morte.

Chega até a ilha. Indaga sobre a imortalidade. É advertido por Utnapitshim de que ele não pode ter a imortalidade, que é privilégio dos deuses. Pergunta como o outro se tornou imortal. É submetido a um teste e fracassa. Implora por nova chance. Dentro do mar mortífero, encontra a planta da juventude. Pretendia com ela ajudar as pessoas de Uruk.

Enquanto ele dormia, Ishtar engoliu a flor, com isso matando a esperança. Enkidu volta do outro mundo e mostra a Gilgamesh seus feitos: a cidade que construiu, a coragem que mostrou, as coisas boas que fez. Essa é a imortalidade procurada.

Observo que a obsessão de Gilgamesh pela morte apenas a apressa. Lutar contra o fim trágico é transcender os limites entre a vida e a morte. Subjaz ao texto a busca da salvação da alma. Ele quer vencer não apenas a morte, mas o esquecimento.

Ele acreditava em sua missão com todas as forças. Já havia realizado proezas inigualáveis, e a imortalidade seria sua maior vitória. Todos os perigos que enfrenta (inferno, águas da morte) ultrapassam os limiares da vida. Ele recusa o que nenhum mortal recusaria (a vida paradisíaca e a vida mundana), pois sua busca vai além.

A experiência do sono (prenúncio da morte e marca da mortalidade) mostra que o conhecimento da imortalidade é inacessível ao homem. Gilgamesh não chegou a saber que Utnapitshim tornou-se imortal por ser submisso aos deuses após o dilúvio: “Caí de joelhos, agradecido”. Em sua soberba de rei, o herói desafiava os deuses, e só eles poderiam conceder a imortalidade.

4 Análise da obra

A união entre Gilgamesh e Enkidu representa a conciliação entre as tribos selvagens e os centros urbanos. É o reconhecimento e a aceitação do outro no plano social. Desde a perspectiva do herói, a aceitação do outro é a aceitação de si mesmo. Cabe lembrar que o herói épico não tem introspecção; sua consciência é existencial, e não reflexiva. Por isso o outro lhe serve de espelho. O papel de Enkidu como consciência crítica de Gilgamesh não pode ser subestimado nem na adaptação de Zeman, nem no poema épico.

No plano histórico, Enkidu é o selvagem que se civiliza e deixa de ser inimigo. Passa a ser amado, e não temido. Ele precisa abandonar a floresta e enfrentar obstáculos. É a tradução perfeita do “bom selvagem”, pois em vez de matar ou de destronar Gilgamesh, ele se torna amigo e conselheiro do rei. Esta mudança interior através do confronto e da conciliação é a contribuição original dessa epopéia. Gilgamesh não nasce herói: ele passa de tirano a herói com a ajuda do outro. Enkidu, por sua vez, é adjuvante e também herói, pois é ele quem liberta a cidade da tirania² e salva Gilgamesh das paixões humanas, como a soberba e a vaidade. O mais notável é que a chegada de Enkidu restabelece a paz e sua morte instaura séria crise existencial no rei.

O amadurecimento de Gilgamesh muda sua perspectiva: ele deixa de querer dominar os outros e agora quer proteger o povo dos perigos externos. Ele inclusive recusa todas as tentações (a de Ishtar, a do deus Sol, a de Siduri) em busca do seu ideal. Gilgamesh inicia sua

² Entendo tirania como “governo legítimo, mas injusto e cruel” (Houaiss)

jornada rumo ao conhecimento e à sabedoria. A morte de Enkidu priva-o de sua consciência, seu outro eu. Essa perda é irreparável e novamente modifica a perspectiva de Gilgamesh. Seu oponente muda – primeiro era seu próprio povo, depois os monstros, por fim a condição humana: a consciência de que somos mortais.

Contudo, não se trata apenas de reduzir a narrativa a uma busca quimérica de algo que seria privilégio dos deuses. O herói busca a transcendência da condição humana. O que consegue?

No plano da realidade, essa transcendência é impossível, assim como foi retratado no plano da aventura. Mas no plano da linguagem ele consegue estabelecer um paradigma de herói que permanece até hoje, dos heróis aventureiros às histórias em quadrinhos, e talvez até mesmo nos jogos virtuais.

Na segunda metade da vida, o desafio é a morte. Como aceitá-la? Um herói que já conquistou a si e ao seu povo, que já venceu ameaças externas, poderá conformar-se com ela? Algumas pessoas procuram a planta da juventude, querem prolongar a existência. A questão que Gilgamesh apresenta é que devemos enfrentar a morte, que é nosso maior temor. Ainda que não possamos vencê-la no plano da realidade, podemos superá-la no plano da existência – no caso de Gilgamesh, através da cidade construída, da coragem demonstrada, dos bons atos. No caso do homem atual, que é o herói de si, através da descendência e do exemplo.

A longa viagem para fora na qual derrotam Humbaba é a não menos longa viagem para dentro num processo de autoconhecimento. Eles saem de seus domínios e iniciam uma jornada perigosa em solo desconhecido.

A recusa à oferta de Ishtar é a realização plena de um homem feliz, forte interiormente e seguro de seu lugar no mundo. É o auge de Gilgamesh, o momento em que ele anuncia o encontro da justa medida. A partir daí, sua trajetória será descendente.

A vitória sobre o Touro do Céu só foi possível graças ao conhecimento de Enkidu sobre os animais. Gilgamesh afirma uma vontade ao dizer não a Ishtar; afirma uma potência ao derrotar os monstros e defender a cidade; afirma um conhecimento sobre as pessoas e o mundo, e desse conhecimento estabelece seu juízo de valor. Saber, querer, poder: as condições para o herói estão preenchidas. Quem percorre todas as etapas da jornada do herói não pode ser considerado perdedor, ainda que não atinja o objetivo final. Ele retorna a Uruk engrandecido e cheio de soberba.

Por que Ishtar não enviou uma doença para Gilgamesh em vez de matar Enkidu? O objetivo dela era enfraquecê-lo, uma vez que morto ela não poderia feri-lo. Ishtar passa a ser a tirana que em sua ira ultrapassa a justa medida.

Identificamo-nos com Gilgamesh porque o medo da morte é tanto nosso quanto dele. Mas há dois tipos de morte: a física, contra a qual ele lutou e perdeu; a simbólica, na qual ele perdura. Esse medo é ativado após a perda de Enkidu. Ele ainda não temia quando perdeu Shamhat. Ele busca a imortalidade, e nós seguimos seus passos.

Gilgamesh vai aonde nenhum homem chegou, atravessa o inferno e recusa o paraíso (jardim do deus sol), pois não é essa a sua busca. Demonstra compaixão ao salvar o filhote de leão.

Encontrar Utnapitshim é o máximo a que um homem pode chegar. Ele sai em busca de conhecimento: a jornada é interior. Ele não busca um tesouro para si ou uma vitória decisiva. Ele quer o segredo dos deuses. Mas o precursor de Noé explica que o homem é mortal, e o submete a uma prova de resistir sem dormir. O herói sucumbe ao sono, que pode ser considerado um prenúncio da morte.

A conquista da planta da juventude é vista como um tesouro. (Aliás, é um tesouro muito procurado na atualidade, com as plásticas, silicones e toxinas botulínicas.) Para o herói, a glória não era pessoal, pois seria compartilhada com seu povo. Tal glória gera uma desilusão e um consolo.

A desilusão do herói vem com a morte da esperança. Ishtar come a planta da juventude e impede a realização do ato heróico.

O consolo vem de Enkidu: a imortalidade que o levava aos limites extremos do mundo sempre esteve debaixo dos pés dele. Mas ele só percebeu quando viu sua cidade de cima, adotando uma nova perspectiva.

Gilgamesh identifica e enfrenta seu pior medo, que é na verdade o medo de todos nós. Como sua atitude é exemplar, ele é herói.

O desfecho da obra é inesperado para um poema épico. Ele não retorna como um herói vitorioso, nem teve a honra de uma morte dramática. Isso não o impede de sentir orgulho da grande civilização que construiu.

A consciência da morte (advinda da perda de Enkidu) e a perda da esperança (quando a serpente come a planta da juventude) fazem o herói assumir sua condição mortal. Essa travessia encerra o processo de humanização do personagem.

5 A contribuição de Gilgamesh para a construção do herói

Um herói dedica-se a perseguir um sonho. Munido de coragem, ele supera obstáculos intransponíveis e recusa tentações de poder. Quer ajudar as pessoas de seu grupo, pelas quais sente compaixão. É leal a seus amigos, dispondo-se a morrer por eles ou pela coletividade.

De quem estamos falando? De Ulisses, de Artur, de Moisés, de Jesus, de Rolando, d'El Cid, de Robin Hood? Ou ainda de Zorro, de Batman, de Superman?

Sim e não. Com algumas variações, podemos falar de cada um deles. Todos encarnam o herói de seu tempo. Nesse estudo, todavia, estamos falando de Gilgamesh. Mas por que ele, entre tantos outros? Porque ele estabelece o modelo de heroísmo a ser seguido pelos demais.

Após o luto pela morte do amigo, Gilgamesh não busca a imortalidade pura e simples, e sim a imortalidade como um prolongamento da glória: uma glória perene para as ações heróicas. Do contrário, teria aceitado as promessas de Ishtar.

Além disso, ele percorre o trajeto que todos podem percorrer: sai de seu ego inflado, enfrenta os perigos reais e se espiritualiza. Nesse sentido ele é um exemplo para os exemplos, um *primus inter pares*. É essa a trajetória do herói: do ego inflado à submissão autoconquistada. As aventuras que ele viveu vão além do confronto de monstros e perigos mortais: constituem uma verdadeira jornada pela psique humana. Reconhecemos nas inquietações do herói as nossas mesmas inquietações, especialmente no medo da morte que ele desenvolve após perder Enkidu.

Seu final trágico apenas confirma a afirmação de Campbell de que o final feliz é uma falsa representação. A morte é necessária para que a nova vida apareça. Foi assim antes de Gilgamesh (e de nós), e continuará depois dele.

A principal contribuição dessa narrativa está no fato de que o herói é falível e mortal, mas realiza feitos notáveis que o integram à comunidade e o humanizam completamente. “O herói simboliza aquela imagem redentora que se encontra escondida dentro de nós”, como constata Campbell. Os ecos dessa narrativa podem ser sentidos nas referências ao dilúvio, ao paraíso, ao inferno.

O irônico dessa narrativa é que o sistema de crenças sumério ruiu há muito, junto com sua civilização. Mas o exemplo de Gilgamesh continua válido em nossas crenças, passados cinco mil anos. Se eram imortais os deuses, não o são mais. Os deuses *foram*, o herói *é*. Enquanto isso, Gilgamesh segue eterno.

Referências

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SHELL, Denis. Heróis e gigantes em espaços épicos. In: Veritas, 2003.

Gilgamesh o la angustia por la muerte: poema babilônio. Tradução de Jorge Silva Castillo. México: Centro de Estudios de Asia y África, 1995.